

A MIGRAÇÃO COMO DESAFIO À FÉ CRISTÃ

Mario de França Miranda*

O presente texto estuda o impacto da situação social enfrentada pelo migrante em sua fé cristã. Começa mostrando a importância da cultura local e da própria religião para a construção da identidade social do indivíduo. Em seguida, descreve como o entorno cultural com suas mudanças sucessivas, bem como o contexto religioso pluralista, constitui hoje autênticos desafios já para todos nós. Finalmente examina a situação do migrante cristão na atual sociedade e como ele deve se relacionar com seu entorno pluralista e mutante.

Palavras-Chave: Cultura; Religião; Migração; Diálogo

In this text, Miranda studies the impact of the social condition faced by the migrants on their Christian faith. He starts showing the importance of the local culture and of religion itself to build up the individual social identity. Then, he describes how the cultural scenario, along with its successive changes as well as the pluralist religion context, becomes authentic challenges to all of us. Finally, he looks at the status of Christian migrant in current society and how he must interact with this pluralist and changing context.

Keywords: Culture; Religion; Migration; Dialogue

O fenômeno da migração é tão antigo quanto a própria humanidade. Populações inteiras, tribos, famílias e indivíduos deixam sua terra natal premidos por contingências naturais, como a falta de chuva ou o frio excessivo, bem como por fatores sociais como guerra, desemprego, perseguição religiosa ou política. A própria Bíblia atesta ricamente este fato. O que há de novo hoje é a consciência que temos da amplitude deste fenômeno, não mais circunscrito a povos nômades, ou a ciganos, ou ainda a temporadas de tensões políticas. Os meios de comunicação e de

* Dottore in Teologia per la Facoltà di Lucerna. Dal 1981, Segretario della *Migratio* – Commissione per i Migranti e incaricato della pastorale per i migranti della Conferenza dei Vescovi Svizzeri. Dal 1981 al 1997 membro della Commissione Federale degli Stranieri (CFS), Berna e dal 1989 partecipante del gruppo di lavoro per i migranti del Consilium Conferentiarum Episcopaliū Europae (CCEE), San Gallo. *Migratio* è una Commissione di consulenza della Conferenza dei Vescovi Svizzeri, che si occupa principalmente degli assistenti pastorali per i migranti, trattando anche questione sociale e di diritto inerenti all'immigrazione.

transporte aéreo comprimiram distâncias e horas. Estamos mais próximos uns dos outros e percebemos como acontecimentos longínquos repercutem fortemente em nossa proximidade. O fenômeno da globalização¹ em sua vertente cultural, chamado por alguns de globalidade ou de mundialização para distingui-lo da sua vertente econômica, gerou em todos nós uma nova mentalidade: a consciência globalizada. Com outras palavras, não conseguimos refletir nossos problemas apenas localmente, prescindindo dos demais povos do planeta.

Olhada sob esta ótica, a migração deixa de ser um fato esporádico, bem limitado no espaço e no tempo, próprio de algum grupo humano e sem afetar os demais. Ela acontece realmente por toda parte, no primeiro como no terceiro mundo, em tal intensidade que está trazendo sérios problemas para a própria convivência humana. Não é à toa que hoje se fala de multiculturalidade, de diálogo religioso, de respeito a minorias étnicas ou religiosas, de relativismo ou da necessidade de uma ética mundial que abranja e respeite as diferenças particulares e que possa ser por todos aceita e vivida. A liberdade política, religiosa ou cultural se impõem em nossos dias como imperativos inerentes aos direitos humanos, mas não é nada fácil respeitá-las e com elas conviver.

O *objetivo* desta reflexão é considerar o impacto sociocultural e religioso na pessoa do migrante e esboçar algumas linhas pastorais correspondentes que ajudem a missão da Igreja. Para tal, impõe-se primeiramente explicitar a importância do entorno cultural e da adesão religiosa para a constituição da identidade do indivíduo. Em seguida, apresentar como esta mesma identidade se vê hoje questionada pelos desafios socioculturais e religiosos. Finalmente, examinar a pessoa do migrante dentro deste contexto hodierno, o agravamento dos fatores desestabilizadores, a importância da fé cristã, a reação adequada do próprio migrante em novos contextos. Terminaremos com algumas pistas pastorais mais gerais, já que também não especificamos, neste estudo, com que categoria de migrante estamos lidando.

I. A pessoa humana e seu entorno cultural

Podemos afirmar logo de início que o ser humano só existe como ser *humano* através da cultura. Esta pode ser considerada sob vários aspectos, dando lugar a compreensões diferentes, mas não sem relação entre si. Enquanto vista como o acervo de conhecimentos humanos a ser preservado e transmitido é ela cultura numa acepção *humanista*.

¹ Uma boa síntese (com ampla bibliografia em língua inglesa) nos oferece BLIESE, Richard. "Globalization", *Dictionary of Mission*, p. 172-178. Em língua francesa, ver a publicação de "Justiça e Paz da França", *Maîtriser la mondialisation*.

Considerada como algo próprio de um grupo humano, desvela seu sentido *etnológico*. Quando procuramos fazer emergir as causas e as justificações de uma tradição cultural, enquanto se distingue das demais, estamos lidando com sua noção *antropológica*. Esta será nossa ótica nesta reflexão.

A cultura aparece então como uma *reação* do ser humano aos desafios de seu contexto vital, provenham eles da natureza ou de seus semelhantes. Ao contrário do animal que reage sempre por instinto e, portanto, do mesmo modo, o ser humano dotado de inteligência e de liberdade deve ter compreensões da realidade e padrões correspondentes de comportamento que tornem viável a vida social. A experiência haurida por gerações anteriores poderá ser transmitida a seus descendentes através da linguagem. Assim alguns vêem as culturas como sistemas de conhecimento, a saber, como modelos de compreensão e de ação. Outros consideram as culturas como sistemas estruturais ao desvendar os princípios mentais que organizam o material oferecido pela experiência. Outros ainda concebem as culturas como sistemas simbólicos, orientações vindas de fora da natureza humana que lhes proporcionam uma visão do mundo e um *ethos*. Assim o componente simbólico é elemento constitutivo da vida social.²

As mudanças ocorridas nos contextos existenciais do ser humano desencadeiam novos processos de adaptação. Deste modo, a cultura enquanto conjunto de símbolos, seja como representações da realidade, seja como modelos para o comportamento social, não constitui uma superestrutura pairando acima da vida real. E sim um *processo vivo* sempre a produzir, utilizar e transformar os modelos herdados.³ Neste processo encontram-se, unidas, a cultura-representação e a cultura-ação, sendo que esta última é a primeira já interiorizada e já embutida no comportamento social das pessoas.⁴ Assim é a cultura uma realidade viva e os membros de um grupo social não são apenas conhecedores, mas também atores culturais. Daqui poderemos também entender que os padrões culturais sobrevivem na medida em que persistem as situações nas quais nasceram. Esta conclusão se revelará muito importante para o nosso tema.

Neste ponto já podemos avaliar o peso do fator cultural para o ser humano. Ele nasce no interior de uma tradição cultural, que lhe oferece uma visão da realidade, respostas a suas questões existenciais, instrumental lingüístico para ele se expressar, expectativas para seus sonhos, explicações

² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, p. 56.

³ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*. Um conceito antropológico.

⁴ DURHAM, Eunice. "A dinâmica cultural na sociedade moderna", *Ensaio de Opinião*, p. 2.

para os fenômenos de sua experiência, padrões de comportamento, metas para seu agir, orientações para que chegue a ter uma identidade social e seja reconhecido como tal na sociedade. A consciência que tem de si como sujeito que entende e que age consciente e responsabilmente está fundamentada em seu entorno cultural. Como contexto concreto e singular apresenta uma leitura “própria” da realidade que realça algumas de suas dimensões e, ao mesmo tempo, esconde outros aspectos.

II. A pessoa humana e sua religião

Contudo, o ser humano não se esgota na cultura envolvente. Através de uma dolorosa experiência de que é um ser contingente, assim como toda a realidade que o rodeia, ele constata em si próprio um dinamismo voltado para uma outra realidade que o transcende. Ele a busca como algo necessário para fundamentar sua própria existência, para apoiá-la numa base última e absoluta. O próprio dinamismo da existência, em si problemático, o leva à transcendência. Aqui está também a experiência metafísica fundamental. A experiência religiosa apenas lhe fornece um conteúdo positivo: o Transcendente inacessível à razão se faz por sua própria iniciativa acessível ao ser humano.

O enigma problemático da contingência humana, insolúvel para a razão, recebe uma resposta por meio de uma adesão livre por parte da pessoa. O conteúdo desta adesão, por ser transcendente, só é alcançado nesta adesão livre inadequadamente através de símbolos sagrados, através dos quais manifesta sua luminosidade (verdade) e sua pertinência salvífica. Trata-se, portanto, de um conhecimento *sui-generis*, que não visa sem mais à informação, mas busca em primeiro lugar a salvação.⁵ Esta adesão livre se dirige rigorosamente ao Transcendente e não a seres finitos e contingentes, pois não podemos igualar religião e superstição. Estamos sempre às voltas não com um “objeto”, mas com o fundamento e sentido último de tudo o que existe. A própria estrutura do ser humano lhe propicia uma experiência básica de contingência que, por sua vez, explica porque ele é sem mais um ser religioso. Ao acolher o Transcendente que lhe oferece sentido e salvação, ele vive a adesão religiosa como a atitude fundamental de sua existência. Como já se escreveu:

A experiência religiosa se compreende fenomenologicamente como a tematização da forma de transcendência constitutiva da existência. O religioso não é determinação contingente da transcendência humana, mas a forma que atualiza sua estrutura essencial.⁶

⁵ DUPRÉ, Louis. *L'autre dimension*. Essai de philosophie de la religion, p. 59.

⁶ BERTULETTI, Angelo. “Fede e religione: la singolarità cristiana e l’esperienza religiosa universale”, *Cristianesimo, Religione e Religioni*, p. 104.

Portanto, a religião apresenta primeiramente como seu núcleo uma relação com o Transcendente, uma relação a Deus, como já notara S. Tomás de Aquino (S.Th. I-II,II,8). Este “voltar-se” para Deus, entretanto, não significa somente se relacionar com seu fundamento e sentido último, mas se caracteriza por se tratar de um relacionamento “salvífico”, a saber, que busca e encontra salvação. Este último implica necessariamente a aceitação de uma práxis correspondente, de uma práxis que confira ao indivíduo a salvação. Mas este núcleo não permanece na pura interioridade do ser humano, porque irá se manifestar através de símbolos externos. A religião não é, portanto apenas a atitude básica (fé), mas também sua manifestação através de símbolos externos. Religião, neste sentido, manifesta, explícita, dispõe e ordena a relação salvífica com Deus. Esta segunda componente da religião recebe todo o seu sentido e finalidade da primeira, de onde brota, mas que, por sua vez, oferece à mesma uma manifestação sociocultural concreta que a impede de estar reduzida à mera subjetividade.⁷ Dito em termos cristãos, o “crer” (ato) se tematiza na “fé” (conteúdo objetivo), que lhe proporciona sua configuração histórica e institucional.

Esta configuração se constitui com o material fornecido pela própria cultura envolvente, mas fornece a esta última as respostas às questões últimas do ser humano. Assim a religião acaba por “fundamentar” os próprios elementos meramente culturais, conferindo estabilidade e credibilidade aos mesmos. Deste modo, a adesão religiosa não só responde aos anseios profundos da pessoa, mas ainda sustém seu contexto cultural. Tudo isto ajuda sobremaneira a consciência que a pessoa tem de si mesma, sua visão da realidade, seu modo de se comportar socialmente, sua reação em face de situações de sofrimento, seus ideais e suas expectativas. A religião aparece assim como um fator estabilizante, integrador e potencializante na vida do indivíduo. Esta conseqüência se vê reforçada quando este experimenta que também outros partilham sua crença. O meio lhe presta assim um respaldo social para sua fé.

III. Desafios socioculturais à pessoa humana em nossos dias

Vimos como o entorno sociocultural é indispensável à realização do ser humano. Contudo, este contexto se vê hoje atingido por fatores inéditos na história humana que dificultam sobremaneira a relação do indivíduo com seu meio e com seus semelhantes. Devido a todo um processo histórico de emancipação gradativa dos campos do saber, em

⁷ SECKLER, Max. “Der theologische Begriff der Religion”, *Handbuch der Fundamentaltheologie I*, p. 139-141.

parte provocada pela enorme massa de novos conhecimentos oferecidos pelas diversas ciências, a sociedade aparece em nossos dias constituída por setores usufruindo certa autonomia, utilizando linguagem própria e apresentando uma compreensão peculiar da realidade. Este fenômeno, mais conhecido como “pluralismo cultural”, faz com que os indivíduos que vivem mais intensamente em determinados setores apresentem uma visão própria do mundo, juntamente com um modo de proceder que não são compartilhados pelos demais, vivendo em outros setores da sociedade.⁸

Conseqüentemente o indivíduo moderno não mais vive, como outrora, num contexto sociocultural “homogêneo”, com linguagem e valores comuns, que confirmavam seus juízos e suas ações. Ele se vê rodeado por outros discursos e práticas sociais que ameaçam e enfraquecem suas convicções, desestabilizam suas seguranças, relativizam suas idéias. A herança cultural que lhe foi transmitida perde força e o indivíduo já não dispõe de marcos sólidos para construir sua personalidade. Dispondo de uma pluralidade de leituras da realidade com suas práticas correspondentes, o indivíduo vê cair sobre seus ombros o pesado ônus de escolher, ele mesmo, valores para construir sua biografia.⁹ O outro lado deste fenômeno, seu aspecto mais positivo, é a emergência da subjetividade na sociedade atual. Cada qual é livre para construir sua personalidade. Mas este valor se encontra hoje bastante diminuído pela cultura da mídia a serviço do sistema neoliberal. Esta lhe oferece a felicidade na aquisição e no consumo de bens materiais e de experiências prazerosas, rebaixando sua liberdade ao imperativo da produtividade e do lucro para que possa consumir de tudo o que lhe é oferecido.¹⁰

Se tivermos presente um outro fator, sentido fortemente por todos nós, que é o da rapidez das *mudanças sucessivas* no quadro cultural onde vivemos, então lidamos aqui com um outro complicador para a construção da personalidade. Pois o surgimento de novos dados científicos, de novas questões existenciais, de novas problemáticas sociais, de novas perspectivas de compreensão enfraquece quando não invalida a síntese apresentada pelos grandes sistemas culturais do passado, que não conseguem a tempo assimilar estas novidades e integrá-las em sua totalidade. São mapas antigos que não mais servem para nos orientar nas regiões transformadas da realidade. Assim se cria uma distância, mais ou menos consciente e crítica, entre o indivíduo e a cultura do seu meio.

⁸ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. “Aspects sociologiques du pluralisme”, *Archives de Sociologie des Religions*, p. 117-127.

⁹ BERGER, Peter. *The Heretical Imperative*, p. 1-29.

¹⁰ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*.

Ultimamente o fenômeno da “globalização cultural” representa outro fator que se faz sentir nesta temática. Pois ele atinge de algum modo todas regiões do mundo, levando as culturas locais a reafirmarem sua identidade, mas modificando-as também através de suas representações e práticas sociais. Ao oferecer uma pluralidade de novos conhecimentos, ao aproximar países e culturas distantes, ao disponibilizar outras modalidades de vida, ela não deixa intocada a cultura local, embora esta sempre tenda a reinterpretar a mensagem global a partir de sua perspectiva local. Enquanto dominada pelo fator econômico,¹¹ boa parte desta mensagem está a serviço do grande capital, gerando expectativas de consumo e versões materialistas dos ideais humanos.

A enorme quantidade de novos conhecimentos, novas questões, novas técnicas, novas linguagens, novas práticas, acaba por deixar no indivíduo uma sensação de ser um “estranho” em seu próprio mundo, por não ser capaz de assimilar e dominar este bombardeio de informações.¹² Boa parte da realidade lhe é desconhecida. Ele tem consciência cada vez mais lúcida de que estrutura sua vida sobre alguns fragmentos desta realidade que lhe são acessíveis. A convivência com seus contemporâneos se faz difícil, fato este que não se dava no passado em tal intensidade e universalidade. Daqui decorrem muitas incertezas, tensões, angústias, inseguranças.

IV. Desafios de cunho religioso hoje

A sociedade de características culturais plurais também apresenta uma pluralidade de tradições religiosas. Enquanto diferentes não deixam de afetar o indivíduo em sua adesão religiosa, pelo menos aqueles acostumados a viver numa sociedade religiosamente homogênea.¹³ Pois a diversidade acaba por relativizar sua própria religião, já que é uma entre outras, e com isto a enfraquece social e subjetivamente. O discurso dos responsáveis pela doutrina e pela ética já não goza do mesmo prestígio e força que desfrutava no passado. Além disso, o contato com pessoas de outras instituições religiosas ou de outras igrejas, que são significativas para o indivíduo, pode modificar sua postura diante de tradições religiosas diferentes da sua.

Esta mudança, em si positiva enquanto favorece a tolerância e o respeito ao outro, pode também levar o indivíduo, que não goza de um

¹¹ WILLAIME, Jean-Paul. “La relégation superstructurelle des références culturelles”, *Social Compass*, p. 323-338.

¹² HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*.

¹³ PANIKKAR, Raimundo. *The Intra-Religious Dialogue*.

conhecimento adequado de sua religião, a assumir elementos religiosos estranhos a sua crença, provocando um certo sincretismo subjetivo. Mesmo que isto não aconteça, sua adesão aos conteúdos religiosos próprios já não será tão firme como antes. Além disso, a liberdade que desfruta na sociedade moderna, aliada à dominante pressão do individualismo cultural, poderá fazê-lo cair numa religiosidade não institucionalizada, cujo objetivo último é a própria felicidade e bem-estar. No momento em que isto ocorre, a adesão a uma instituição religiosa se realizará apenas como busca de resolver seus problemas e de satisfazer suas necessidades. Caso não ocorra este desenlace esperado, parte-se para outra instituição religiosa. De fato, o assim chamado “trânsito religioso” constitui um fenômeno marcante em nossos dias, sobretudo nos países que não conseguiram fornecer uma formação religiosa à altura para suas populações.¹⁴

Resulta claro do quadro acima descrito que o indivíduo que tinha na religião um ponto sólido e estável para estruturar sua personalidade, porque lhe forneciam verdades e valores, é fortemente afetado por este pluralismo religioso. A menos que tenha uma boa formação teórica, uma forte experiência religiosa e uma positiva vivência comunitária, que lhe proporcionam uma atitude lúcida e crítica diante deste pluralismo. Mas não costuma ser o caso da maioria que adere a uma crença. Deste modo o impacto do pluralismo cultural se vê agravado pelo choque do pluralismo religioso. E tudo isto acontecendo num mesmo contexto sociocultural!

V. O migrante cristão na atual sociedade

Antes mesmo de abordarmos este tema se fazem necessárias duas observações iniciais. A primeira delas, que pode nos surpreender, afirma que em nossos dias “todo ser humano”, independentemente de deixar ou não seu contexto nativo, é um “migrante”. É uma situação que todos experimentamos hoje. As mudanças socioculturais e os desafios delas provenientes nos privam daquele aconchego que usufruíram nossos antepassados. No fundo, não somos nós, mas é nosso contexto sociocultural que migra. Este fato exige de nós uma postura peculiar e um cuidado atento que implicam certamente um certo dispêndio constante de energia. Este investimento da nossa atenção, mesmo em dose modesta, é fundamental para não nos tornarmos completamente forasteiros em nosso próprio ambiente vital. Daqui provém, em boa parte, a dificuldade do diálogo e da compreensão mútua entre as gerações.

Uma segunda observação diz respeito ao cristão. “Enquanto cristão”, ele deve assumir a condição de migrante neste mundo. Ele

¹⁴ PORTELLA AMADO, Joel. “Mudar de religião faz bem?”, *Mudança de Religião no Brasil*.

caminha ao longo de sua vida em direção à pátria definitiva. Portanto, ele é um peregrino nesta terra (1Pd 2,11). Sua fé o assemelha aos patriarcas de outrora (Hb 11,13), que deixaram sua terra natal em busca de uma pátria melhor, a pátria celeste (Hb 11,16).¹⁵ Sua fé o faz habitar no mundo sem ser do mundo. Sua fé lhe proporciona uma interpretação peculiar da realidade, que não provém de seu meio social. O cristão é diferente e, se não o fosse, não poderia ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13s). Além disso, sua fé o leva a estruturar sua existência concreta na obediência às palavras e às ações de Jesus Cristo. Seu comportamento social jamais poderá ser uma simples transposição dos costumes vigentes numa sociedade (Jo 17, 14-16).

Este fato se torna gritante em nossos dias, quando uma cultura do individualismo hedonista domina nossa sociedade. O “fator econômico” domina hegemonicamente a mente de nossos contemporâneos, que lutam pela aquisição de bens e pelo consumo egocêntrico do que lhes proporciona uma sociedade afluyente. Mesmo os que não conseguem participar da festa estão imbuídos desta mentalidade. Ao procurar viver a lógica da gratuidade em meio à dominante lógica do interesse individualista, sente-se certamente o cristão como um estrangeiro em seu meio. Ele tem uma leitura da realidade que não se identifica com a leitura de seus contemporâneos. Ele pode partir para práticas que são inusitadas em seu meio. Estamos às voltas com um tipo de migração causado pela sua própria fé.

Contudo, o fenômeno da migração em nossos dias agrava sobremaneira esta situação partilhada já por todos nós. Pois se trata de uma migração “forçada”, em vista da sobrevivência, motivada por razões políticas (perseguição) ou econômicas (desemprego, flagelos climáticos). Também se passa, em geral, de um contexto sociocultural mais simples para outro mais complexo, fato este que atinge mais fortemente o migrante. O que acima já foi mencionado sobre a complexidade de uma sociedade pluralista em contínua evolução, que nos faz sentir a todos como estranhos em nosso meio, impacta mais gravemente a pessoa do migrante, desestabilizando-a. Suas categorias mentais, seus valores existenciais, suas práticas sociais se vêem confrontadas e desafiadas por muitas outras, em geral mais sofisticadas, deixando-o perplexo e inseguro. Diminui sua potencialidade, desvalorizam-se seus conhecimentos, atrofia-se sua personalidade.

¹⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. *A caridade de Cristo para com os migrantes*, n. 13: “A fé sempre encontra, nas migrações, num certo sentido, o exílio que põe o homem diante da relatividade de cada meta atingida, e descobre novamente a mensagem universal dos Profetas”.

Acrescente-se ainda a dificuldade que experimenta o migrante em ser aceito e acolhido sem mais em seu novo meio. Pois este último o considera como um elemento estranho, pouco confiável por não partilhar inteiramente suas idéias e práticas sociais, trazendo ainda outras que enfraquecem, embora não intencionalmente, as do meio em questão. Neste sentido o trabalho, o emprego, ou a profissão, oferecem um ponto de apoio firme em meio à instabilidade do novo contexto social. Mas os fatos nos demonstram ser também a “fé dos migrantes” um fator estabilizante em suas vidas e facilitador de sua inserção na nova sociedade. Mesmo que esta fé seja vivida e expressa de certo modo diversamente daquela do rincão natal.

Pois a mesma fé representa um fator de unidade entre o migrante e os membros de sua Igreja em seu novo *habitat*. Já que a fé é normalmente vivida no interior de uma comunidade, será esta última de grande importância para o migrante conseguir conservar elementos de sua identidade nesta nova situação. Pois a “comunidade de fé” fala uma linguagem por ele conhecida, participa de cultos para ele familiares e pratica ações por ele já assimiladas. Na medida em que nela consegue se sentir em casa, passa a considerá-la como um oásis em meio ao deserto do entorno social.

Sem dúvida alguma, a mudança do contexto vital representa uma difícil prova para a fé do migrante. Pois até então esta fé era compreendida e vivida tranquilamente no interior de uma configuração cristã que não mais se encontra no novo contexto. E como, contudo, se trata da mesma fé, vai o migrante tomando consciência dos componentes mais secundários, locais, que expressavam e representavam sua fé. Conseqüentemente esta aparece melhor no que tem de mais essencial. Seja do ponto de vista “subjetivo”, seja do ponto de vista “objetivo”. Vejamos.

Pois um quadro sociocultural homogêneo como o era o da cristandade pode deixar em segundo plano a importante característica da fé como uma opção livre por parte do indivíduo.¹⁶ Ao se ver privado das representações costumeiras e confrontado com outras tradições religiosas ou outras instituições cristãs, o migrante toma consciência de sua adesão cristã como de uma alternativa entre outras. Opção esta que não se fundamenta em argumentações humanas, mas na promessa de Deus manifestada na pessoa de Jesus Cristo. Não é, portanto um salto no escuro, irresponsável, mas uma decisão que tem sua luminosidade e racionalidade provinda das palavras e das ações de Jesus de Nazaré. Não se crê, a não

¹⁶ FRANÇA MIRANDA, Mario de. “Viver a fé hoje”, *A Igreja numa sociedade fragmentada*, p. 193-207.

ser no que nos parece digno de ser acreditado. Mas para alcançar esta luminosidade, devo dar o passo e confiar. A característica do risco inerente à fé cristã tem assim uma racionalidade própria e uma modalidade peculiar de certeza.

“Quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por minha causa a salvará” (Mt 10,39). Note-se que a segurança da salvação implica ter confiança, não em coisas ou raciocínios, mas numa pessoa (por minha causa). Na mesma linha: “Quem quiser conservar sua vida a perderá; quem a perder a conservará” (Lc 17,33). Conservar aqui significa poupar sua vida, não arriscar, apegar-se a ela (Jo 12,25). Do mesmo modo Paulo expressa diversas vezes como investiu sua liberdade na pessoa de Jesus Cristo. “Todas estas coisas que para mim eram ganhos, eu as considere como perda por causa de Cristo” (Fl 3,7). Ou ainda: “Por causa dele, perdi tudo e considero tudo isso como lixo, a fim de ganhar a Cristo” (Fl 3,8).

Também do ponto de vista do conteúdo da fé pode haver uma depuração. Pois o contato com expressões e práticas cristãs diferentes das suas leva o migrante a descobrir nelas o que já estava presente nas suas. Deste modo, ele chega ao núcleo da fé cristã, percebe-a com mais verdade, toma consciência do que lhe é mais essencial. A pessoa de Cristo, a ação do Espírito, a necessidade da oração, a importância da eucaristia, o valor da comunidade, a vivência cotidiana da caridade fraterna ganham maior espaço em sua vida. Assim ele pode conseguir superar uma imagem da Igreja como uma entidade impessoal e burocrática, autoritária e moralista, preocupada primeiramente com formulações, mandamentos e ritos.

VI. Diálogo e tolerância em face da diversidade

O “diálogo” é uma atitude mais do que necessária na atual sociedade pluralista. Ela implica que ambas as partes dialogantes saibam escutar uma a outra, aprender uma da outra, aceitando-se em sua diferença e buscando em comum a verdade. Portanto, o diálogo pressupõe uma consciência semelhante em seus interlocutores, a saber, nenhum deles tem a posse plena da verdade. De fato, o acesso à verdade sempre se apresenta no interior de um contexto, de uma perspectiva, de uma linguagem, já que a realidade não se entrega passivamente, mas se deixa captar sempre no interior de um horizonte. Deste modo se dá realmente um conhecimento da realidade, mas não tão plenamente que exclua qualquer leitura diferente da sua.

Hoje este diálogo se faz muito necessário no interior da sociedade pela proximidade inédita das culturas num mesmo local. A

“multiculturalidade” só poderá ser vivida sem grandes tensões e agressões se houver diálogo. Cada indivíduo traz sua cultura própria que vem a ser o acervo herdado e já modificado pelas experiências existenciais pessoais. Naturalmente este acervo não permanecerá intocado, devido aos contatos inevitáveis com outros dele diferentes. Este fato pode significar para o indivíduo não apenas uma ameaça, mas também uma ocasião de enriquecimento e dilatação de seu horizonte. A dificuldade maior aqui é o fechamento também cultural dos nativos com relação aos migrantes, fato este agravado quando a cultura encontrada é mais complexa e abrangente. Tal acontece com a ida do camponês para a cidade ou do migrante do terceiro para o primeiro mundo.

O contato com cristãos de “outras comunidades eclesiais” exige também diálogo e aceitação mútua para uma convivência pacífica. Porque católicos e protestantes estão de acordo nos conteúdos centrais da fé cristã: como os dogmas trinitários e cristológicos, a primazia da Palavra de Deus, a gratuidade da salvação. Os pontos em que divergem dizem respeito mais às mediações para a vivência plena desta fé. Tais são: a concepção de Igreja, o ministério ordenado, as celebrações sacramentais. Mas diante de uma sociedade secularizada e religiosamente indiferente, ambas as Igrejas se defrontam com iguais problemas e muito ganhariam com uma pastoral conjunta, respeitadas as diversidades próprias. Nota-se também que a proximidade com leituras e práticas diversas da vocação cristã leva as pessoas a querer conhecer melhor sua própria fé. E a valorizar mais o que lhe é próprio e que não encontra nas outras confissões cristãs.

O desafio posto por “outras religiões” já é de outra ordem. O contato com pessoas fiéis a outras tradições religiosas diferentes do cristianismo e que, contudo, são bons cidadãos, pais ou mães de família, competentes profissionais, sensíveis e atentos aos outros, costuma ter um forte impacto nos cristãos. Sobretudo se estes não cristãos vivem com grande coerência e autenticidade sua própria fé, manifestada pelo nível ético de sua existência. Sem renunciar à verdade fundamental da fé cristã, que crê em Jesus Cristo como o revelador último de Deus e o salvador universal da humanidade, sabe o cristão que a ação salvífica de Deus, através de seu Espírito Santo, não se confina nos limites do cristianismo. Também aqui o contato com o diferente ajuda a reconhecer melhor sua própria identidade cristã, pressuposta sempre uma boa formação religiosa por parte do cristão que, infelizmente, nem sempre acontece.

Depois do que vimos anteriormente, constatamos hoje que a identidade do migrante cristão consiste num autêntico processo em interação contínua com o meio social e religioso onde se encontra. É

uma realidade também experimentada e vivida por todos os nossos contemporâneos e também pelos cristãos não estritamente caracterizados como migrantes. Mas o migrante cristão a sente e a sofre numa “intensidade peculiar”, que exige da Igreja um cuidado pastoral especial, como vem sendo recomendado pelo magistério eclesiástico nos últimos anos.¹⁷

Bibliografia

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. “Aspects sociologiques du pluralisme”, *Archives de Sociologie des Religions*, jan-juin 1967, p. 117-127.
- BERGER, Peter. *The Heretical Imperative*. New York: Anchor/Doubleday, 1980.
- BERTULETTI, Angelo. “Fede e religione: la singolarità cristiana e l’esperienza religiosa universale”, *Cristianesimo, Religione e Religioni*. Milano: Glossa, 1993, p. 95-114.
- BLIESE, Richard. “Globalization”, in MUELLER-SUNDERMEIER-BEVANS-BLIESE (ed.), *Dictionary of Mission. Theology, History, Perspectives*. New York: Orbis Books, 1997, p. 172-178.
- DUPRÉ, Louis. *L’autre dimension*. Essai de philosophie de la religion. Paris: Cerf, 1977.
- DURHAM, Eunice. “A dinâmica cultural na sociedade moderna”. *Ensaio de Opinião*, n. 4, 1977.
- FRANÇA MIRANDA, Mario de. “Viver a fé hoje”, *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 193-207.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: L.T.C., 1989.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed., Rio de Janeiro: DPA, 2004.
- JUSTICE ET PAIX-FRANCE. *Maîtriser la mondialisation*. Paris: Bayard/Centurion/Cerf/Fleurus/Mame, 1999.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*. Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D’Água, 1989.
- PANIKKAR, Raimundo. *The Intra-Religious Dialogue*. New York: Paulist Press, 1978.

¹⁷ Ver a instrução *A caridade de Cristo para com os migrantes*, n. 19-32.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. *A caridade de Cristo para com os migrantes*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PORTELLA AMADO, Joel. “Mudar de religião faz bem? Algumas reflexões pastorais a respeito da mobilidade religiosa no Brasil”, in ALVES FERNANDES, Sílvia Regina (org.). *Mudança de Religião no Brasil*. Desvendando sentidos e motivações. Rio de Janeiro: CERIS, 2005, p. 131-159.

SECKLER, Max. “Der theologische Begriff der Religion”, in KERN-POTTMEYER-SECKLER (Hrsg.). *Handbuch der Fundamentaltheologie I*. Freiburg: Herder, 2000, p. 131-148.

WILLAIME, Jean-Paul. “La relégation superstructurelle des références culturelles”. *Social Compass*, n. 4, 1977, p. 323-338.